

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES ACERCA DA DOCÊNCIA MASCULINA¹

MEN IN CHILDHOOD EDUCATION: REFLECTIONS ON THE TEACHING MALE

Nubea Rodrigues Xavier²
Bianca Camacho de Almeida³

Resumo

Este artigo constitui-se de uma pesquisa qualitativa sobre a atuação dos Professores homens na Educação Infantil. O trabalho pretendeu discutir sobre gênero e docência masculina tendo como foco a prática destes Professores na atuação com crianças pequenas. Privilegiou a metodologia de caráter empírico e bibliográfico, realizando uma investigação junto à comunidade escolar de um dos Centros de Educação Infantil do município de Dourados-MS. Por meio desta pesquisa pretendeu-se expandir a discussão sobre a docência masculina nas instituições de Educação Infantil, colaborar com as reflexões sobre a igualdade de gênero, temática esta discutida na atualidade, prioritariamente, ao que se refere a igualdade de oportunidades, desmistificar o pensamento histórico e cultural imposto na sociedade sobre papéis previamente instituídos a homens e mulheres e, principalmente, contribuir para uma prática pedagógica que possa educar independentemente do gênero.

Palavras-chave: Docência. Gênero. Crianças Pequenas.

Abstract

This essay says about qualitative research on the role of men teachers in kindergarten. The investigated intended to discuss gender and male teaching focusing on the practice of these teachers in activities with small children. Used the empirical and bibliographic methodology, conducting an investigation with the Childhood Education Centers of Dourados-Mato Grosso do Sul. Through this research we sought to expand the discussion about male teaching in Childhood Education institutions, collaborating with reflections on gender equality, issue this discussion today primarily to respect equal opportunities, demystifying thought historical and cultural tax in society on roles previously established for men and women, and especially contribute to a pedagogical practice that can educate regardless of gender.

Keywords: Teaching. Genre. Small children.

INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se de uma pesquisa qualitativa sobre a atuação dos Professores homens na Educação Infantil. O trabalho pretendeu discutir sobre gênero e docência masculina tendo como foco a prática destes Professores na atuação com crianças pequenas.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, junto a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sob a orientação da Professora Mestre Nubea Rodrigues Xavier.

² Mestre e doutoranda em Educação programa de pós-graduação/PPGEdu da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Professora efetiva da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul/SED.

³ Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Elaborado como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil junto à Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), localizada na cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, privilegiou a metodologia de caráter empírico e bibliográfico, realizando uma investigação junto à comunidade escolar de um dos Centros de Educação Infantil do município de Dourados-MS.

Por meio de aplicação de questionários previamente estruturados e captação e análise das falas das crianças através de atividade específica, buscou-se compreender sobre as representações desta comunidade escolar sobre a profissão docente, mais especificamente, sobre a atuação masculina nesta área, considerando que a Educação Infantil é uma etapa da Educação Básica historicamente constituída por mulheres.

O trabalho em questão surgiu como uma proposta de ampliar e dar continuidade a um primeiro estudo realizado sobre a temática e utilizado para elaboração do artigo de conclusão de curso de Graduação em Pedagogia intitulado *Atuação de professores homens na Educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica* (BÖHM; CAMPOS, 2013), ao qual foi posteriormente publicado pela Revista Horizontes, organizada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados e pretendeu levantar, analisar e discutir as produções acadêmicas nacionais acerca da atuação de professores homens na Educação Básica.

O interesse primário em pesquisar sobre a temática surgiu a partir de estudos realizados ao longo do curso de graduação em pedagogia e especificamente após a elaboração e apresentação de um seminário sobre gênero e educação. O texto base utilizado foi *Vozes masculinas numa profissão feminina: o que tem a dizer os professores*, em que a autora Marília Pinto de Carvalho (1998) discute a questão da presença masculina na educação básica. A análise em questão refere-se a reflexões que fazem parte de uma pesquisa sobre trabalho docente e relações de gênero desenvolvido junto a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo tendo como objeto de pesquisa, o material empírico desenvolvido junto a professores primários.

Na tentativa de compreender e aprofundar sobre a temática gênero na docência, enfatizando fatores históricos, culturais e sociais, este estudo, em princípio, foi apoiado teoricamente em autoras como Louro (1997), Carvalho (2011), Scott (1995) e Vianna (2002).

Posteriormente, realizou-se uma revisão da literatura sobre o tema gênero e docência masculina, buscando problematizar e compreender sobre os fatores sociais, históricos e

culturais que levaram a educação de crianças pequenas a ser constituída como atributo feminino. Ao mesmo tempo, buscou-se refletir como a inserção de docentes homens na Educação Infantil pode levantar discussões e demonstrar a possibilidade de igualdade de gênero nesta profissão considerada eminentemente feminina.

Desta forma, por meio desta pesquisa, pretende-se expandir a discussão sobre a docência masculina nas instituições de Educação Infantil, colaborar com as reflexões sobre a igualdade de gênero, temática esta discutida na atualidade, prioritariamente, ao que se refere a igualdade de oportunidades, desmistificar o pensamento histórico e cultural imposto na sociedade sobre papéis previamente instituídos a homens e mulheres e, principalmente, contribuir para uma prática pedagógica que possa educar independentemente do gênero.

Uma breve contextualização sobre o gênero da docência Infantil

Para compreender sobre as formas de atribuição de características masculinas e femininas e entender as relações de gênero na realidade educacional, faz-se necessário o esclarecimento sobre o conceito de gênero. Neste sentido, Louro (2000 apud XAVIER FILHA, 2012, p. 30-31), contribui: “[...] gênero é uma construção cultural feita sobre diferenças sexuais. Gênero está ligado à constituição social, constituindo masculinidade e feminilidade nas relações sociais, culturais e históricas”.

Nesse sentido, o conceito de gênero é utilizado para explicar características sociais, históricas e culturais atribuídas a homens e a mulheres. Portanto, como destaca Louro (2006, p. 4), “[...] lidar com o conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino”.

Também sobre o conceito de gênero, segundo Scott (1995, p. 86), “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, desta maneira, é uma construção social e histórica dos sexos. Ou seja, a atribuição de características ao indivíduo, determinando comportamentos convenientes ao homem e a mulher a partir das diferenças sexuais é algo construído social e ideologicamente.

Conforme descrito acima, as identidades de gênero são constituídas por meio das relações sociais, em diversas práticas sociais, entre elas, dentro das instituições de ensino, consideradas como um ambiente permeado por diversas ações que (re)produzem determinados aspectos do comportamento social, modelos e preconceitos.

Nesse sentido, em uma sociedade a qual as profissões são segmentadas entre masculino e feminino, parece absolutamente normal a docência infantil ser constituída plenamente por mulheres, causando estranhamento a presença dos homens nesta profissão.

Historicamente, ao longo do século XX, a docência na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) foi sendo quase que absolutamente constituída por mulheres, através do processo de feminização do magistério:

A legitimidade do feminino no padrão heteronormativo, falocêntrico e compulsório é conferida a partir de referência que dependem exclusivamente da relação da mulher com o outro e dos papéis atribuídos socialmente nesta relação: esposa e mãe. Dessa maneira, as profissões adequadas para seu universo de características naturalizadas, estariam ligadas às qualidades do cuidado emocional e físico, como por exemplo, enfermeira, professora primária, cozinheira e bordadeira. Desse modo a diferenciação binária (homem-mulher) e as atribuições essencializadas das características atribuídas aos seres humanos (masculino-feminino) ligam-se diretamente às atuações e disputas de poder. (SOARES, 2015, p. 242).

Atualmente, o exercício da docência é marcado predominantemente pelo gênero feminino. Conforme os dados do último Censo da Educação Básica realizado em 2007 (BRASIL, 2009, p. 22), nas creches, na pré-escola e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o universo docente é predominantemente feminino (98%, 96% e 91%, respectivamente).

Apesar da docência, principalmente de crianças, ao longo dos tempos ter assumido um caráter eminentemente feminino, é preciso lembrar que a Educação como instrução iniciou-se por meio do trabalho masculino, no Brasil, os pioneiros foram os Jesuítas. Aos poucos, com a urbanização e industrialização, os homens foram se afastando do magistério primário, principalmente em busca de melhores salários, além de outros aspectos culturais e sociais.

Conforme Vianna (2002, p. 85):

Desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral.

Aliada a crescente necessidade de mão de obra masculina no setor industrial, houve a necessidade de atender a demanda de professoras para o ensino de meninas, trazendo as mulheres em massa para as escolas normais. Neste sentido, Cunha (2012, p. 4), contribui:

Considerada uma profissão masculina até os anos finais do século XIX, a docência feminina, no Brasil, aos poucos vai tomando lugar na educação, tendo em vista os impedimentos morais da época que consideravam inadequado que as meninas fossem educadas pelos professores homens.

Ao contrário do processo de feminização do magistério nos outros níveis da Educação Básica, a Educação Infantil seguiu uma trajetória diferente, pois surgiu como um espaço de

ocupação feminina. Neste sentido, a inserção dos homens nesta etapa da Educação Básica é algo muito recente.

A Educação Infantil surge para atender a demanda das mulheres trabalhadoras disponíveis para o mercado de trabalho. De caráter assistencialista, inicialmente objetivou suprir aspectos relacionados a maternidade, ou seja, a atenção voltada as crianças deveria substituir o cuidado deixado de ser exercido pelas mães. Desta forma, as profissionais atuantes nas instituições infantis eram meramente cuidadoras de crianças pequenas.

Ao longo do tempo, foram ocorrendo transformações no contexto da Educação Infantil. Os espaços destinados ao atendimento de crianças pequenas passaram a ser instituições com foco no cuidado e Educação destas crianças. Conforme orienta o Documento oficial do MEC (1994), Política Nacional de Educação Infantil, esta etapa da Educação Básica deve pautar-se pela indissociabilidade entre o cuidado e a Educação, além disto, tem função diferenciada e complementar à ação da família.

As mudanças no foco da Educação Infantil ocorreram na tentativa de amenizar as desigualdades sociais. Com a nova visão de Educação Infantil, as discrepâncias em relação ao atendimento realizado diferentemente entre as classes sociais, ou seja, entre as Creches (assistencialistas) e Jardins de Infância (com foco pedagógico), estariam resolvidas. Porém, os espaços de Educação Infantil continuaram sendo associados à maternagem⁴, fazendo com que discursos pedagógicos assemelhem-se com maternos. Desta maneira, reforçando a permanência quase que exclusiva das mulheres nestes espaços.

Diante deste contexto, a presença do masculino dentro das Instituições de atendimento infantil causa estranhamento, desconforto e desconfiança, “[...] o trabalho desses profissionais entra em conflitualidade com as expectativas e pode mostrar exceções aos padrões de gênero” (RABELO, 2013, p. 5).

Assim, a inserção dos Professores Homens na docência infantil tem se mostrado como uma oportunidade de reflexão e discussão sobre as questões de gênero dentro do ambiente educacional constituído por mulheres.

Atuação masculina na educação infantil: algumas considerações sobre essa prática

⁴ De acordo com o Dicionário crítico de gênero, Maternidade, ao longo do século XX, promoveu uma individualização da maternidade, produzindo a figura da mãe responsável, tanto pelas práticas – saúde, puericultura, educação na infância – quanto pelo simbolismo, com o investimento no crescimento do sentimento maternal. (MEYER; SCHWENGBER, 2015 apud COLLING; TEDESCHI, 2015).

De acordo com os gráficos apresentados pelo último Censo escolar da Educação Básica (INEP, 2009), realizado em 2007, no comparativo por *sexo*, Brasil – Mato Grosso do Sul, no Brasil 18,06% dos Professores são do *sexo* masculino e no Estado do Mato Grosso do Sul este quantitativo é de 20,21%. Com relação as etapas/modalidades de Ensino, especificamente da Educação Infantil⁵, no Mato Grosso do sul 44 (quarenta e quatro) Professores do *sexo* masculino são atuantes nas Creches e 298 (duzentos e noventa e oito) atuam na Pré-escola.

Conforme os dados apresentados são perceptíveis a baixa taxa de porcentagem com relação aos Docentes Homens atuantes na primeira etapa da Educação Básica no Estado do Mato Grosso do Sul. Mediante este contexto, selecionou-se um dos Centros de Educação Infantil da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, ao qual possui no quadro de funcionários Professores Homens, para o desenvolvimento da pesquisa.

A coleta dos dados ocorreu por meio de aplicação de questionários estruturados aos segmentos escolares, dentre os quais, destacamos: funcionários administrativos, representantes familiares e docentes. Os representantes da comunidade escolar foram escolhidos ao acaso, dois de cada segmento. Porém, dois dos questionários foram direcionados aos Professores homens⁶ atuantes na Instituição no ano de referência da pesquisa (2015).

Foi entregue um quantitativo de 08 (oito) questionários para averiguar como tais sujeitos percebem ou compreendem a atuação da Docência masculina na Educação Infantil. Dentre os questionários entregues, 06 (seis) deles retornaram, 04 (quatro) direcionados a comunidade escolar e os 02 (dois) aos docentes homens.

As questões contidas nos questionários foram elaboradas na tentativa de captar as representações que os sujeitos da pesquisa carregam sobre identidades de gênero através da relação com as características conferidas pela sociedade sobre as profissões consideradas femininas e masculinas. As perguntas direcionadas apenas aos docentes homens tiveram como intento investigar os motivos que influenciaram a opção profissional, a receptividade das pessoas com relação a esta escolha e também sobre a satisfação e pretensões futuras.

⁵ O foco desta pesquisa encontra-se na docência na Educação Infantil. Desta maneira, optou-se por apresentar apenas os dados com relação a referida etapa da Educação Básica.

⁶ Um docente formado em Pedagogia e um Professor em Formação cursando Pedagogia.

Nesse sentido, o questionário estruturado com perguntas fechadas, foi elaborado com opções de respostas diretas, as quais os sujeitos da pesquisa puderam demonstrar objetivamente suas formas de representações sobre o tema em questão.

Mediante a devolutiva dos questionários iniciou-se o processo de análise e reflexões sobre as respostas.

Com relação as questões referentes a manifestação sobre a atuação do feminino e do masculino em várias áreas do mercado de trabalho, constatou-se que todos os participantes acreditam que homens e mulheres podem desempenham as mesmas tarefas, sem distinções de cargos, funções e hierarquias.

O mesmo aconteceu com as perguntas direcionadas ao magistério e cargos de gestão. Todos os participantes manifestaram que indiferentemente, ambos os gêneros, possuem aptidão para tais tarefas, sendo que 02 (dois) deles manifestaram a importância do domínio sobre o conhecimento pedagógico para exercer a docência e 03 (três) acrescentaram a importância da capacitação específica para a gestão.

Percebe-se resultado unânime nas semelhanças das respostas. Provavelmente, pelo fato da instituição em questão, através da gestão e práticas pedagógicas, exercer um trabalho que permite reflexões e discussões a respeito da igualdade de gênero, entre outros aspectos sociais emergentes nas discussões atuais. A própria contratação de Profissionais masculinos e femininos para a atuação nas diversas áreas dentro desta Instituição é um exemplo deste trabalho.

Nota-se, através das respostas que é possível desenvolver um trabalho diversificado e de sensibilização, dentro das Instituições de educação, que permita a inserção de questões sobre o gênero na educação e desta maneira contribuir para desmistificação da ideia maternal da docência infantil. Conforme Louro (1997, p. 23), “[...] concepções de Gênero diferem não apenas entre sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

As respostas das questões direcionadas aos docentes Homens apontaram que um dos profissionais pesquisados iniciou sua carreira no magistério por influência familiar, o outro escolheu a profissão por identificação com a profissão. Um deles afirmou nunca ter sofrido discriminação por exercer a docência infantil, já o outro indicou que às vezes sofre distinção por parte dos pais/funcionários/crianças da Instituição a qual atua. Um dos professores respondeu que pretende continuar atuando na área, o outro, gostaria de atuar em outra área por almejar melhor remuneração.

A partir da análise das respostas sobre o olhar dos docentes homens pesquisados, é possível perceber que apesar de todas as discussões e reflexões realizadas fora do contexto escolar e, principalmente, dentro do âmbito da instituição pesquisada, ainda existe sim, certo preconceito exercido pela comunidade escolar com relação a presença do masculino no cuidado e educação das crianças pequenas, sendo este um dos fatores que inibem a presença do masculino nas áreas de atuação consideradas femininas.

Como corrobora Xavier Filha (2012, p. 30, grifos nossos):

A presença de *professores* e *professoras* para atuar com crianças pequenas é salutar para meninos e meninas. No entanto, ainda se vê uma forte resistência de familiares em aceitar homens atuando profissionalmente como docentes de crianças pequenas.

Ainda conforme a autora, “[...] novas formas de constituição de ser masculino e de ser feminino devem ser proporcionadas e permitidas nas instituições educativas” (XAVIER FILHA, 2012, p. 31).

Outro fator contribuinte para o afastamento desses profissionais é a baixa remuneração salarial, manifestada por um dos pesquisados no que se refere a permanência em atuar na área educacional. Isto porque, socialmente, o homem ainda é visto como provedor da família, ou seja, aquele que trabalha para sustentar a casa. Böhm e Campos (2013, p. 69-70), corroboram esta afirmação:

Mesmo com todas as transformações sociais, culturais e econômicas e a presença cada vez mais crescente da mulher no mercado de trabalho, o que gerou uma nova configuração familiar, registra-se que continua arraigada a ideia do homem como o maior responsável pelo custeio das despesas.

Diante do exposto, a partir da análise das impressões dos sujeitos pesquisados, evidencia-se que é possível modificar as representações sobre as características elencadas aos gêneros a partir de iniciativas que promovam discussões e reflexões sobre os papéis exercidos por homens e mulheres dentro de determinado contexto profissional, pois dependendo de como são apresentadas, elas passam a tornarem-se reais.

O olhar da criança sobre as características atribuídas aos gêneros

A partir do momento em que se decidiu também contemplar o olhar das crianças sobre a atuação do profissional masculino, pensou-se em estratégias para buscar as impressões infantis a respeito do assunto.

Diante da problemática, após reflexão e conversas, resolveu-se utilizar a Literatura Infantil como instrumento metodológico, através de contação de história, com intuito de captar as manifestações do pensamento/ conceito das crianças sobre as relações de gênero.

Sobre a utilização de obras literárias como instrumento de aproximação da linguagem infantil, de acordo com Daros (2013, p. 180), a literatura enquanto gênero literário é:

[...] compreendida como um universo de simbolizações e significações que se situam numa posição privilegiada de comunicação com a criança por meio de sua linguagem, ilustrações e formatos, transformando-se em um instrumento rico de possibilidades de exploração no contexto escolar.

Após a decisão da utilização da Literatura Infantil como abordagem metodológica, passou-se a etapa de escolha de uma obra que se enquadrasse dentro da perspectiva de Gênero. Após breve pesquisa, houve a escolha por utilizar a obra *Príncipe Cinderelo*, escrito pela autora Babette Cole (2000), da editora Martins Fontes.

A obra em questão trata de uma história pós-moderna que tem a intenção de desconstruir paradigmas tidos como padrões na sociedade atual, ou seja, objetiva a desconstrução de normas impostas e aceitas socialmente, apontando novas características aos Gêneros.

No decorrer na história, é possível perceber que houve uma inversão do clássico *Cinderela*, comumente contada às crianças. Na história clássica, assim como em outras, a decisão é sempre tomada pelos homens, o que não acontece na releitura. Nesta, quem toma as decisões de escolha do companheiro é a Princesa. Além disto, o Príncipe apresenta comportamentos relacionados ao gênero feminino, tais como, limpar a casa e lavar roupas.

Após a escolha da obra a se utilizada, iniciou-se o trabalho empírico com as crianças da sala do maternal II⁷ da instituição pesquisada. Os sujeitos desta etapa da pesquisa foram escolhidos por terem proximidade com os Professores Homens da Instituição. No dia da efetivação do trabalho, estavam presentes apenas seis crianças de um total de dez matriculados na turma.

A atividade proposta foi iniciada com uma breve informação sobre a pesquisa e seu desenvolvimento naquele momento, bem como, sobre a utilização do gravador para captação das falas. Depois disto, foi apresentado o livro com a demonstração da capa, leitura do título e autoria da obra.

⁷ As crianças matriculadas neste nível da Educação Infantil completaram três anos até 31 de março do respectivo ano de matrícula (2015), conforme orientações da legislação municipal vigente. Na data de aplicação da pesquisa todas já haviam completado quatro anos.

Durante todo desenvolvimento da atividade, buscou-se estabelecer relações sobre a história e os papéis sociais representados nela, enfatizando as cenas com maior destaque em termos de comportamentos considerados opostos ao padrão. Desta forma, antes de iniciar a contação da história, indagou-se sobre o título da obra, instigando os pequenos a pensarem sobre a existência de *Príncipes Cinderelos* e a diferença entre a releitura e a obra original da Cinderela. No decorrer da história as crianças foram incentivadas a manifestarem suas opiniões, impressões e questionamentos sobre o enredo e personagens.

Observou-se, a partir das reações e falas das crianças, desde o começo até o final da história, que o enredo em questão ao mesmo tempo em que proporcionou o registro das impressões e sentimentos infantis sobre o tema, também levou as crianças a refletirem sobre os papéis socialmente estabelecidos a cada gênero.

Quando questionados sobre a existência de *Príncipes Cinderelos*, todas as crianças afirmaram que não existe Príncipe Cinderelo. E quando indagados do motivo da inexistência registrou-se falas tais como: “*Porque só pode menina*” ou “*Porque Jesus não gosta*”. Ao mesmo tempo, ao longo da história, conforme houve a revelação sobre as atribuições do comportamento dos personagens, apareceu falas que contrariam a opinião anterior. “*Eu faço bolo com a minha mãe!*”, “*O meu pai limpa!*”, “*Eu acho que a minha mãe lava roupa na máquina de lavar. E eu ajudo!*” ou “*Eu ajudo o meu pai!*”, foram algumas afirmações, principalmente de meninos, durante os diálogos.

Nota-se, ao analisar as falas, que as mesmas expõem um pensamento tradicional de determinação de atitudes relacionadas a cada gênero, fazendo distinção de comportamentos, porém, ao mesmo tempo há um posicionamento referente à desconstrução das normas impostas socialmente diante das manifestações sobre as atitudes masculinas culturalmente atribuídas ao feminino.

Diante das manifestações das crianças, ficou evidenciado que as mesmas refletem o que os adultos pensam sobre os comportamentos e atribuições impostos socialmente sobre os gêneros. O pensamento infantil, como reflexo do pensamento adulto, é construído aos poucos por meio das relações sociais e tornando-se “reais” a medida que a criança passa a compartilhar tal visão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a Docência masculina levou a realização de um trabalho mais aprofundado sobre a inserção dos homens em uma área profissional dominada por mulheres.

Nesta perspectiva, ao longo dos estudos evidenciou-se que a Educação Infantil, especificamente, ao contrário das outras etapas da Educação Básica, iniciou-se com o trabalho feminino justificado pela necessidade de substituição das funções maternas deixadas de serem exercidas pelas mulheres que começaram a serem inseridas no mercado de trabalho, principalmente nas indústrias.

Desta forma, os homens vêm adentrando este universo permeado por características associadas ao feminino com o desafio de conquistar seus espaços como profissionais que também possuem conhecimentos pedagógicos específicos para a atuação na Docência infantil. Neste contexto, os homens encontram grandes dificuldades de inclusão e permanência na área.

Constatou-se também, por meio das análises e reflexões sobre os questionários e atividade com as crianças, que dependendo da maneira como determinada sociedade representa e principalmente apresenta determinadas profissões e suas características, elas tornam-se reais nas falas e no pensamento cultural daquela comunidade. Portanto, acredita-se que deixar de discutir sobre o exercício da docência masculina no magistério infantil é afirmar a que realmente a profissão somente poderá ser exercida por mulheres.

Desta maneira, espera-se que esta pesquisa tenha relevância e contribua nas discussões sobre as possibilidades de igualdade de gênero, principalmente colabore com práticas pedagógicas que possam educar independentemente do gênero, prezem a igualdade de direitos e respeitem a diversidade.

REFERÊNCIAS

BÖHM, B. C. A.; CAMPOS, M. I. Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica. *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados, MS, n.1, v.1, jan. a jun. 2013.

BRASIL. *Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007*. Ministério da Educação/MEC. Brasília: Inep, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

_____. *Política Nacional de Educação Infantil: Pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação*. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/polinaci.pdf>. Acesso em: 20 dez 2015.

CARVALHO, M. P. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que tem a dizer os professores. *LASA*. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000187&pid=S0102-4698200800010000200014&lng=pt. Acesso em: 15 jan. 2015.

CARVALHO, M. P. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). *Revista Brasileira de Educação*, vol. 16, n.

46, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/6399>. Acesso em: 02 dez. 2015.

COLE B. *Príncipe Cinderelo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CUNHA, Amélia Teresinha Brum da. Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil. In: ANPEDSUL, 9, 2012, Caxias do Sul. *Apresentações e Autores do IX ANPED-SUL*. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2974/824> >. Acesso em: 06 fev. 2016.

DAROS, T. M. V. Problematizando os gêneros e as sexualidades Através da literatura infantil. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/172-%E2%80%93186-Problematizando-os-g%C3%AAneros-e-a-sexualidade-atrav%C3%A9s-da-literatura-infantil.pdf> Acesso em: 08 jan. 2016.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade. (2000). In: XAVIER FILHA, C. (Org.). *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. p. 277-293.

MEYER, D. E.; SCHWENGBER, M. S. *Maternidade*. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFGD, 2015.

RABELO, A. O. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, Ahead of print, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2013nahead/aop1132.pdf> > Acesso em: 01 mar. 2016.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 26 nov. 2015.

SOARES, A.C.C. Feminilidade/Feminino. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Antonio. *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: UFGD, 2015.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. *Cad. Pagu [online]*. 2002, n.17-18, p. 81-103. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf> > Acesso em: 18 set. 2011.

XAVIER FILHA, C. Educação para as sexualidades, para a igualdade de gênero e para as diferenças/diversidades: possibilidades pedagógicas. In: XAVIER FILHA, C. (Org.). *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. p. 277-293.